**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

Gisela Cardoso Teixeira

**METODOLOGIA CIENTÍFICA**

Capítulo do projeto definitivo de mestrado como trabalho avaliativo para a disciplina “Metodologia de Pesquisa”, ministrada pela professora Dra. Maria Raquel Bambirra.

**Belo Horizonte**

**2017**

**METODOLOGIA**

Para analisar as características discursivas da cobertura midiática impressa brasileira das guerras no Golfo Pérsico, desenvolve-se uma pesquisa de natureza básica, uma vez que este estudo procura adquirir novos conhecimentos teóricos a respeito de uma especialização jornalística: o jornalismo de guerra. Para isso, serão utilizadas noções já conhecidas na área – como as dos autores Arbex Júnior (1991), Carvalho (2013), Cardoso (2013) e Garambone (2003), por exemplo. Ou seja, a pesquisa pode complementar aquilo que já se sabe sobre o assunto com possíveis descobertas – ressaltando que o jornalismo de guerra ainda não é um tema tão explorado e aprofundado na academia brasileira.

Sendo assim, são analisadas a cobertura midiática das Guerras Irã-Iraque (1980-1988) e do Golfo (1990) dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, os quais, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), são alguns dos jornais de maior circulação do Brasil, com uma média de circulação de 351.745 e 333.860[[1]](#footnote-1), respectivamente.

Utilizando a análise do discurso como método, a pesquisa procura observar as estratégias discursivas das narrativas noticiosas do jornalismo de guerra, analisando principalmente os enquadramentos dos personagens e representações em meio aos conflitos, os temas e os tipos de discursos presentes que podem constituir o discurso informativo (como o didático, histórico, etc), também se atentando às estratégias de captação e pregnância deste contrato de informação (CHARAUDEAU, 2012). Ou seja, quanto à forma de abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez este é “um tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas” (FARIAS, FONTELLES & SIMÕES, 2009).

Em relação aos objetivos, é possível dizer que a pesquisa possui um caráter explicativo, pois visa compreender como o contexto político e econômico pode influenciar nas estratégias discursivas – ou seja, nos enquadramentos das narrativas de guerra. E para a análise, conforme mencionado, a pesquisa buscará subsídios de conceitos teóricos, a fim de relacioná-lo ao presente objetivo. Entre os conceitos utilizados, podem-se citar os relacionados à ideia de enquadramento – Goffman (1975), Gitlin (1980), Entman (1993) e Porto (1999), por exemplo; o acontecimento midiático proposto por Patrick Charaudeau (2006), principalmente no que se refere às estratégias de captação e pregnância presentes no contrato de informação; a argumentação em relação aos pontos de vista e discurso relatado, a partir de um diálogo com as reflexões de Amossy (2000) e Emediato (2013) em relação ao conceito de pontos de vista de Rabatel (2013).

Assim sendo, já que este estudo pretende fazer um levantamento de documentos como base (reportagens noticiosas de impressos brasileiros sobre as guerras no Golfo Pérsico), é possível caracterizar esta pesquisa como documental, no que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados. E ressaltando mais uma vez, também serão resgatados materiais já publicados para aplicá-los à análise.

Por fim, definidas as características da natureza da pesquisa, da forma de abordagem do problema, os objetivos e os procedimentos metodológicos, neste estudo serão comparadas as diferenças e semelhanças quanto às coberturas das duas guerras realizadas pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, a fim de apresentar as possíveis características gerais do jornalismo de guerra no Brasil em relação ao Golfo Pérsico.

## Critérios para a coleta dos dados: a definição do *corpus*

Considera-se que analisar o material publicado durante quase nove anos de conflito em dois impressos diários seja uma tarefa árdua e que, possivelmente, necessitaria de muito mais tempo além dos dois anos do mestrado. Sendo assim, foram estabelecidos alguns critérios para selecionar o *corpus* específico desta pesquisa – isto é, a quantidade de narrativas das coberturas das Guerras Irã-Iraque e do Golfo dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*. Os impressos serão obtidos por meio de seus respectivos acervos digitais.

Em uma primeira análise, foi observado o potencial do agendamento que ambos os impressos concederam ao acontecimento da guerra – ou seja, a ênfase e a frequência com as quais os assuntos apareceram em suas edições diárias. Para isso, foram utilizados os conceitos acerca do acontecimento midiático de Charaudeau (2012) e França (2012).

De acordo com Charaudeau (2012), o acontecimento é sempre construído em uma narrativa, em que a mídia tenta explicá-lo, dando-lhe uma camada de sentido. França (2012), por sua vez, concorda com essa ideia e propõe também duas categorias do processo de individuação de um acontecimento: a sua caracterização como um problema público, e a normalização, que consiste em reduzir a indeterminação do acontecimento e o estranhamento dos sujeitos em relação a ele, inscrevendo-o em um contexto causal – isto é, a mídia tenta inserir determinado acontecimento na rotina de seu público, normalizando-o em seu cotidiano, o que interfere em seu poder de agendamento ao longo de seu desfecho.

Essa categoria de normalização pôde ser identificada no tratamento dos impressos dado aos acontecimentos da guerra. No primeiro dia de ambos os conflitos analisados, o assunto era destaque nas manchetes das capas dos jornais e, tanto a *Folha de S.Paulo* quanto *O Globo*, criaram subeditorias especiais (em meio à editoria internacional) para falar apenas sobre a Guerra Irã-Iraque e a Guerra do Golfo. No entanto, ao decorrer dos conflitos, o assunto foi recebendo menos destaque: aos poucos, as guerras não apareciam mais nas manchetes, o número de notícias diminuía, até que a sua subeditoria especializada desaparecesse.

A respeito da Guerra Irã-Iraque, a sua cobertura em série pela *Folha de S.Paulo* teve a duração de um mês de conflito (a subeditoria “O Conflito Irã-Iraque” deixou de existir a partir da edição do dia 25 de outubro de 1980), assim como também a cobertura do *O Globo.* Já a respeito da Guerra do Golfo, o mesmo fato pôde ser observado: os dois jornais criaram uma subeditoria especial para a cobertura do conflito. No entanto, a sua duração foi um pouco mais longa em comparação à guerra anterior: o espaço para se falar exclusivamente sobre a Guerra do Golfo existiu até o dia 14 de outubro de 1990, na *Folha de S.Paulo*, e até o dia 22 do mesmo mês no jornal *O Globo*.

Então, a partir desta observação, sugere-se analisar o material publicado pela *Folha de S.Paulo* e *O Globo* durante o primeiro mês das Guerras Irã-Iraque e do Golfo, considerado o período em que houve um número de narrativas maior – ou seja, um maior grau de agendamento -, até que o acontecimento fosse inserido em uma normatização. Também é importante analisar as narrativas notícias da edição seguinte do dia do armistício oficial das guerras, a fim de observar como foi tratado o desfecho final do acontecimento dos conflitos.

Assim sendo, a partir desse critério a respeito da relação do agendamento e da normatização do acontecimento, foi selecionado um total de 361 narrativas. Esse número pode ser compreendido mais detalhadamente nos quadros a seguir.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| ***Folha de S.Paulo*** | | | |
|  | **01 (um mês) de cobertura midiática** | **Último dia** | **Total** |
| **Guerra do Irã-Iraque**  **(22/09/1980 – 20/08/1988)** | 82 notícias | 02 notícias | 84 notícias |
| **Guerra do Golfo**  **(02/08/1990 – 28/02/1991)** | 95 notícias | 03 notícias | 98 notícias |

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| ***O Globo*** | | | |
|  | **01 (um mês) de cobertura midiática** | **Último dia** | **Total** |
| **Guerra do Irã-Iraque**  **(22/09/1980 – 20/08/1988)** | 76 notícias | 02 notícias | 78 notícias |
| **Guerra do Golfo**  **(02/08/1990 – 28/02/1991)** | 98 notícias | 03 notícias | 101 notícias |

A partir das 361 narrativas (sendo um número ainda considerado alto para uma pesquisa de mestrado), foi feita uma segunda seleção para a definição do *corpus* definitivo para esta análise: nesta etapa, então, foram escolhidas apenas as narrativas que receberam manchetes na capa de suas respectivas edições. Pois, de acordo com Traquina (2008), as manchetes em destaque na capa dos impressos podem mostrar o posicionamento do jornal perante o acontecimento que está sendo relado, dando-lhe uma ênfase e atraindo a atenção do leitor – o que, consequentemente, configura um agendamento.

Sendo assim, 162 narrativas foram selecionadas nesta etapa: mais especificamente, 42 da *Folha de São Paulo* e 39 de *O Globo* na cobertura da Guerra Irã-Iraque; 40 da *Folha de S.Paulo* e 41 de *O Globo* quanto à cobertura midiática da Guerra do Golfo.

## Critérios para a análise dos dados

Uma vez expostos os conceitos que serão utilizados, pretende-se observar precisamente quais as estratégias discursivas utilizadas pela mídia impressa para aproximar o leitor das guerras no Golfo Pérsico, por meio dos enquadramentos que configuram às táticas de captação e pregnância. Para isso, a primeira etapa consiste em observar a linguagem deste discurso jornalístico em específico (como a estrutura do *lead*, por exemplo), partindo do pressuposto do uso predominante das descrições. Em seguida, também serão analisados os tipos de discursos presentes nas narrativas de guerra – com base na ideia de que o discurso jornalístico se apropria de outros discursos (como o didático, histórico, por exemplo) para constituir o contrato de informação (CHARAUDEAU, 2012).

Na segunda etapa, serão considerados os enquadramentos em relação à guerra, observando os temas mais recorrentes, baseados no fator choque que aproxima o leitor à realidade do conflito, mais especificamente como são tratados os seguintes assuntos: as ofensivas bélicas, os reféns e demais vítimas, o envolvimento do Brasil no conflito e as questões em torno do petróleo.

Ainda em torno dos enquadramentos, também será estudada a representação dos países envolvidos na guerra pelas narrativas dos impressos, verificando se configuraria uma imagem de luta do bem contra o mal. E, em um terceiro momento, espera-se associar todos esses aspectos observados na constituição geral do acontecimento midiático da guerra enquanto discurso por meio por meio das modalidades argumentativas e dos PDVs (pontos de vista) por meio dos adjetivos e outros elementos lexicais.

Por fim, serão comparadas as diferenças e semelhanças do discurso da cobertura das duas guerras da *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, tendo como base todas as categorias supracitadas, a fim de apresentar as possíveis características discursivas do jornalismo de guerra no Brasil em relação ao Golfo Pérsico.

**Referências**

AMOSSY, Ruth. **L´argumentation dans le discours**. Paris: Nathan, 2000.

ARBEX JÚNIOR, José**. Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa.** 2013. 117 f. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2013.

CARDOSO, Anelise Zanoni. **Jornalismo para a paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística**. Disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/105023>>. Acesso em 19 de setembro de 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R (Orgs). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE UFMG, 2004.

EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In: Emediato, W. (Org). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: NAD, 2013. p. 69-103.

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigma. **Journal of Communication**, New York, v.43, n.4, 1993. p.51-58.

FARIAS, Samantha Hasegawa; FONTELLES, Mauro José; FONTELLES, Renata Garcia Simões; SIMÕES, Marilda Garcia. **Metodologia da pesquisa científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa.** Disponível em < https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo\_C8\_NONAME.pdf> . Acesso em 19 de setembro de 2017.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. In: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 24, 2012. p. 10-21. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>> . Acesso em 06 de dezembro de 2017.

GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GITLIN, T. **The whole world is watching: mass media and the making and unmaking of the new left**. Berkeley: University of California, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. Nova York: Harper & Row, 1974.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da mídia e política. In: ALBINO, Antonio; RUBIM, CANELAS, A (Orgs.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. São Paulo: Unesp, 2002.

QUÉRÉ, Louis. L’événement. Introduction. In: BEAUD, Paul et al. (Org.). **Sociologie de la communication**. Paris: Réseaux/CNET, 1999. p. 84-98.

RABATEL, A. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. . In: Emediato, W. (Org). **A construção da opinião na mídia. Belo Horizonte**: NAD, 2013. p. 19-66.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. 3. ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2008.

\_\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 3. ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2008.

1. De acordo com a pesquisa realizada no ano de 2015 pelo IVC. [↑](#footnote-ref-1)